

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: Amazônia / Saúde

Data: 10/01/88 Pg.: 15 09

# Doenças de pobre matam mais os brasileiros do Norte

Sirinhaém (PE) - Solano José

Pesquisas de demógrafos e epidemiologistas do Ministério da Saúde mostram que um filho de profissional liberal vive em média 17 anos mais que um filho de operário, graças às condições de vida e a assistência médica e nutricional adequadas. Da mesma forma, o quadro de mortalidade no Brasil muda entre os estados pobres e ricos. Enquanto na Região Norte os dados apontam, ainda, como principais causas mortis, males típicos de subdesenvolvimento, como as doenças infecciosas e parasitárias (responsáveis por 21,3% das mortes em 1984), no Sul são as doenças do aparelho respiratório as maiores responsáveis pelas mortes (37,7% em 1984).

Na Região Amazônica, as doenças infecciosas e parasitárias voltaram a crescer nos últimos anos. De acordo com as estatísticas da Sucam (Superintendência de Campanhas de Saúde), em 1978, apenas três pessoas morreram de malária, principal doença da região, transmitida pelo mosquito. Em 1985, o número de casos de morte por malária subiu para 105 e, em 1986, para 119.

Do outro lado do país, acontece justamente o contrário: o que cresce são as doenças do aparelho circulatório, principalmente do coração. Doenças da velhice. No Paraná e em Santa Catarina, as falhas do aparelho circulatório são responsáveis por 30% das mortes nos dois estados. No Rio de Janeiro, essas doenças são responsáveis por 35% das mortes. Até mesmo no Nordeste os males do aparelho circulatório já são a principal causa mortis.

De uma forma geral, porém, o quadro de causa de mortalidade no país está mudando. Em 1930, 50% das mortes entre os brasileiros tinham como causa as doenças infecciosas e parasitárias, um quadro típico de país

### A mortalidade no país (%)

Causas	Região do Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste	Brasil
Infeções e parasitas		21,3	18,0	7,0	6,3	11,6	12,2
Câncer, tumores		8,0	7,7	11,6	14,0	9,7	10,1
Coração, circulação		20,5	26,2	35,7	37,7	29,2	31,1
Pulmão e vias respiratórias		9,2	8,7	10,8	10,2	6,3	9,7
Complicações pré e pós-parto		12,4	10,5	7,4	5,9	8,3	8,7
Acidentes, crimes		15,3	13,5	12,3	12,6	19,0	13,3
Todas as outras		13,3	15,4	15,2	13,3	13,9	14,9
<b>Total</b>		<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

crianças

subdesenvolvido. Este índice desceu a 8% em 1980. As doenças cardiovasculares, que em 1930 contribuíram com 12% das mortes, em 1980 foram responsáveis por 39% das mortes. Em 1930, 8% das mortes eram causadas pelo câncer; este índice aumentou para 13% em 1980.

— Este quadro está mudando em consequência da disponibilidade de métodos artificiais de controle da mortalidade. As vacinas e a descoberta da penicilina contribuíram para a queda da mortalidade na população brasileira. A queda na mortalidade e na fecundidade de mulheres brasileiras está provocando outro fenômeno: o envelhecimento da população, que tem uma expectativa de vida hoje muito maior que há 30 anos — diz Alexandre Kalache, coordenador do Programa Mundial de Envelhecimento da Organização Mundial de Saúde, revelando ainda que em 2020 o Brasil será o sexto país do mundo em população idosa.

Outra vez as diferenças de assistência médica e nutricionais se eviden-

ciam: enquanto no Rio e em São Paulo a expectativa de vida chega aos 70 anos, no interior da Paraíba a morte chega mais cedo: aos 38 anos, em média. É nas regiões mais pobres que as crianças morrem mais: em 1984, 30% das mortes da Região Norte atingiram crianças menores de um ano. Este número é menor na Região Sul: 14,1%. As doenças que mais atingem as crianças em todo país são causadas durante ou após o parto, motivadas principalmente pela desnutrição.

Se o quadro muda em algumas regiões e para algumas classes sociais, o número de mortes por causa externa continua crescendo em todas as regiões do país e foi o maior responsável pelas mortes no ano de 1984, só ficando atrás das doenças do aparelho respiratório. Enquanto na Inglaterra as causas externas são responsáveis por 2,8% das mortes, no Rio de Janeiro os acidentes de trânsito, de trabalho, os assassinatos e envenenamentos são responsáveis por 14% das mortes.

### Nordeste é afetado por doenças de ricos

Pelas estatísticas da Sudene e do Ministério da Saúde as doenças infecciosas e parasitárias (diarria, tuberculose, pneumonia, doença de Chagas), que até a década passada eram apontadas como as causas da maioria dos óbitos no Nordeste, cederam lugar às doenças do aparelho circulatório. Essa inversão das estatísticas da mortalidade é objeto de polêmica entre os especialistas. O médico Semeão Dornelas, da Sudene, acha que ela é um indicio de que as doenças características do desenvolvimento chegaram ao Nordeste, pois as "pessoas estão consumindo mais gorduras" e muitos "sofrem de stress nas grandes cidades. O secretário interino de Saúde de Pernambuco discorda. "As estatísticas não revelam a realidade, porque as pessoas de baixa renda não notificam as mortes."

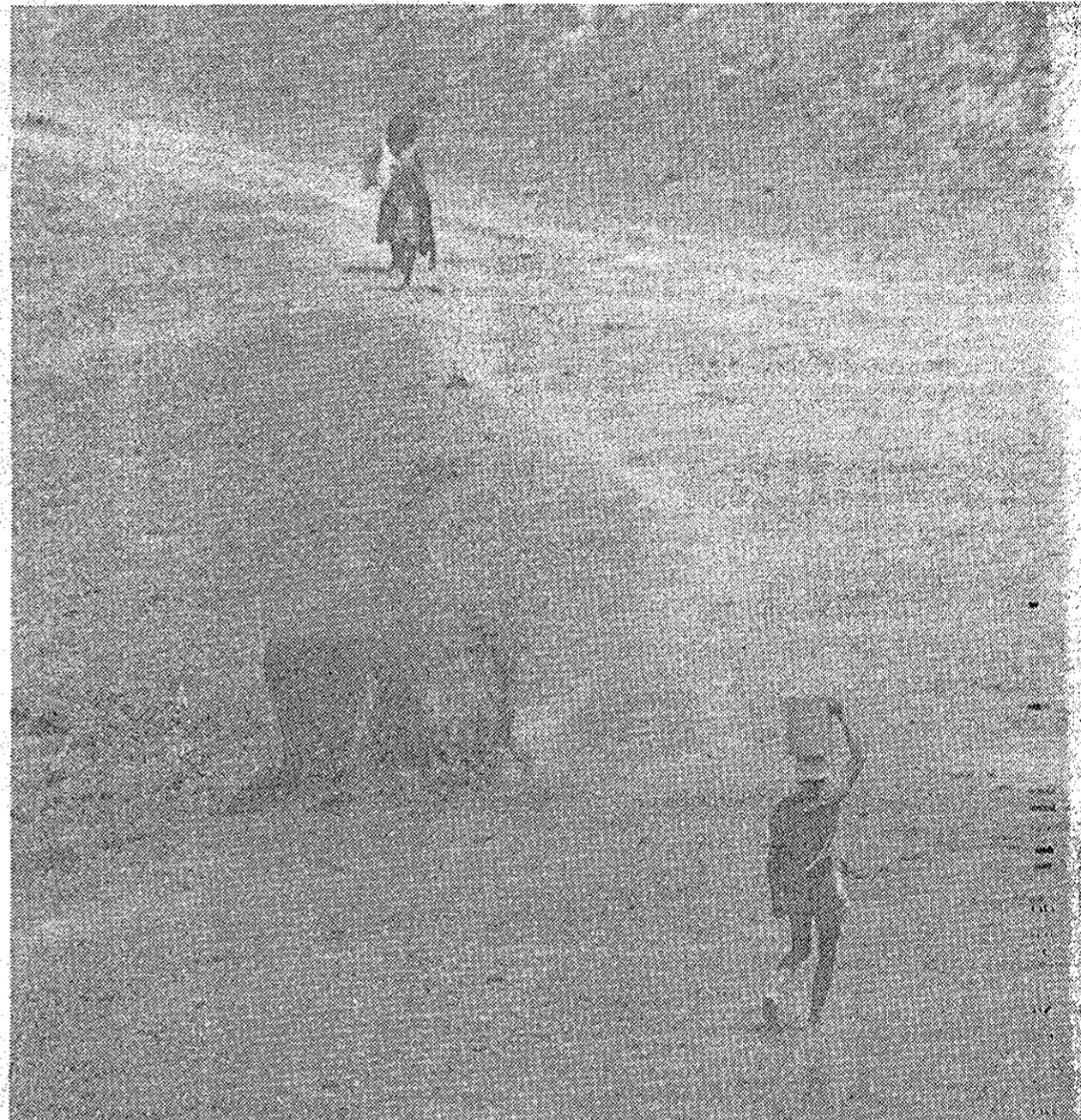
Apesar das estatísticas federais, as autoridades médicas de alguns estados nordestinos duvidam dos resultados. No

Rio Grande do Norte, as infecções intestinais são as que mais matam, de acordo com os dados do Centro de Informações Estatísticas da Secretaria de Saúde. Essas doenças são contraídas por deficiências alimentares, falta de saneamento básico e matam principalmente crianças. Em Sergipe, a desnutrição é a principal causa da mortalidade: dos 7.464 óbitos registrados em 1987 no estado, 1.489 foram de crianças com menos de um ano. "São vítimas da diarréia, da gastroenterite, da desidratação, doenças causadas pela má alimentação", explica o secretário de Saúde de Sergipe, Edney Caetano.

O médico Geraldo Pereira — professor de doenças tropicais da Universidade de Pernambuco — também acredita que as doenças parasitárias e infecciosas estão diminuindo no Nordeste, pois houve "uma queda real da mortalidade infantil e é nessa faixa etária que se manifesta a maioria das doenças infecciosas e parasi-

tárias". O subsecretário de Saúde do Ceará, médico Marco Antônio Penaforte, garante que há "duas principais e verdadeiras causas de morte no Ceará: fome e condições insalubres de vida".

A polêmica nordestina tende a continuar porque, na verdade, os dados sobre mortalidade são precários na região. O próprio Semeão Dornelas, da Sudene, acredita que até 60% dos óbitos não são notificados com a causa mortis. A mesma falta de precisão é apontada pela médica Gorette Alves, do setor de estatística da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Norte, que lembra que até os médicos do interior muitas vezes não explicam em seus atestados as causas das mortes. De acordo com o Centro de Informações da Secretaria de Saúde, há um sub-registro de óbitos no país. No Sudeste é de 10%. No Nordeste, apenas 55% dos óbitos são registrados.



Na paisagem inóspita de lavouras perdidas é preciso carregar a água em latas